

ADVENTO DA SEXUALIDADE NO CONTEXTO DE UMA C. E. I. DE SÃO MIGUEL DO OESTE/SC

Kochenborger, Caroline Sidineia

Bühning, Fernanda Luiza

Schüneman, Sirley

Bavaresco, Ângela Maria

Resumo

Objetivo: Este artigo tem a finalidade de observar com um olhar psicológico as reações do educador infantil ao se deparar com a sexualidade das crianças e os sentimentos experimentados por tais profissionais ao lidar com esse tema de ampla complexidade, em um Centro de Educação Infantil (CEI) do Município de São Miguel do Oeste/SC. Método: Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa de abordagem descritiva que englobou uma amostra de cerca de 40 professores e auxiliares da educação infantil, os quais participaram de conversas informais, questionário aberto, diário de campo e observação participante. As análises foram realizadas com auxílio de material teórico específico. Resultados: Observou-se uma angústia e frustração por parte dos profissionais em relação à estruturação, organização e prática das atividades diárias, onde os mesmos relataram que a rotina gira em torno das necessidades básicas das crianças, que ficam aglomeradas em salas lotadas, não restando tempo disponível para realização de atividades para trabalhar o tema e que se torna assim, difícil de prender a atenção dos pequenos. Também, que se sentem pressionados pelo sistema e pelos próprios pais, para que façam atividades palpáveis, deixando de lado o trabalho subjetivo com os alunos.

1 INTRODUÇÃO

Sexualidade é um tema que gera muita discussão, tanto no âmbito da psicologia quanto no âmbito da educação. Nota-se pelos primeiros estudos de Freud, que ao estarem voltados à análise da sexualidade infantil, escandalizaram a sociedade da época, que acreditava que a criança era pura e inocente. Já em 1905, em “Três ensaios sobre a sexualidade infantil”, Freud atentava para a necessidade de reconhecer o aspecto sexual da vida infantil, tanto para o conhecimento da vida sexual, como para o ciclo de evolução e composição da mesma (FREUD, 1905).

Mesmo depois de um século destas constatações, o contexto da sexualidade infantil ainda é um tema delicado, onde existem muitas resistências e tabus. Nunes (1997, p.13-15) salienta que, abordar a sexualidade em si não é uma tarefa fácil, por sua rica dimensão humana envolta em significações que acabaram engendrando certo estranhamento do indivíduo com sua sexualidade ao longo da história, tornando esse tema de caráter social explosivo.

Isto posto, a sexualidade infantil não é só um fator restrito de cada indivíduo, mas transfigura-se em um fator de interação deste com o ambiente ao longo do ciclo vital, podendo, como nos sugere (Poletto & Koller, 2008 p. 406), se transformar em conexões positivas capazes de promover a resiliência e a melhor qualidade de vida das pessoas nas sociedades que se vêem inseridas.

Além dessas interações há o contexto que esses ambientes interativos estão inseridos, chamados sistemas sociais, que segundo Bronfenbrenner & Morris (1998), podem ser definidos como “ambientes de desenvolvimento humano, como instituições religiosas, políticas, de ensino, família e outros, que nos possibilitam entender as conexões e desconexões realizadas nesses espaços”. Por sua vez, o sistema dos CEIs está inserido no mesossistema, que se define como o “conjunto de relações entre dois ou mais microsistemas nos quais a pessoa em desenvolvimento participa de maneira ativa.” Sustentando ainda que “[...] os aspectos do meio ambiente mais importantes no curso do crescimento psicológico são, de forma esmagadora, aqueles

que têm significado para a pessoa numa dada situação [...]”, Bronfenbrenner (1996, p. 9).

A criança inserida no mesossistema dos CEIs está em relação com outras pessoas que podem influenciá-la social e afetivamente, além de exercer forte influência na construção de sua identidade. É nesse espaço que a criança vai desenvolver sua singularidade através do contato com o outro.

2 DESENVOLVIMENTO

A criança é também, transformadora da vida em sociedade, que de acordo com o que nos salienta (JOBIM E SOUZA, KRAMER, 1991, p. 70), “ela faz e se faz na sua história como cidadã de pouca idade a partir de sua classe social, etnia, gênero e por suas diferenças físicas, psicológicas e culturais”.

Como sabido, os CEIs possuem a função de preparar o indivíduo para uma vida em sociedade autônoma. Eis, que surgem questionamentos de como nesse mesossistema se manifestam questões relacionadas a sexualidade e como são desenvolvidas, Neves (2008) nesse mesmo viés, evidencia que vão surgindo questões acerca da sexualidade infantil, que carecem de ser elaboradas com crianças e educadores, a fim de que o corpo seja trabalhado não apenas como organismo, mas como corpo que deseja, decorrido pelos sentimentos.

Ao que se refere à época atual, Foucault (1977) afirma que, os CEIs “ainda continuam adequadas ao formato “scientia sexualis”, pois controla e busca formar as crianças para vida civilizada em coletividade”. Moizés e Bueno (2010) salientam que “por muito tempo a sexualidade foi associada a algo obscuro, pecaminoso e proibido, e esses mitos tornam-se prejudiciais ao indivíduo porque negam-lhe o direito de conhecer o próprio corpo e se orientar para a saúde sexual.” Foucault (1993), citado por Ribeiro e Souza (2008, p. 17) reforça que:

"São anos e anos de adestramento em que a sexualidade vem sendo vigiada e normatizada. Nossa herança cultural deixou impregnada em nossos corpos as relações entre o pecado e a carne; sexo e sexualidade restritos a genitalidade. A imposição de limites, de penalidades, de culpa reduziu a sexualidade ao que pode, ao que não pode, ao que é adequado e ao que é inadequado, ao que é normal e ao que é patológico."

Diante do que foi abordado acima, sabe-se também que nos dias atuais, ainda é comum, principalmente no ambiente dos CEIs, compreensões sobre a criança como um ser dependente, carente e imaturo. Essa ideia pode levar a criança e o educador a pensar sexualidade como apenas uma condição puramente biológica. Porém, a sexualidade diz respeito à convivência social e às relações.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa de abordagem descritiva desenvolvida no primeiro semestre de 2018, através do componente curricular Ambiente e Sociedade do curso de Psicologia da UNOESC campus de São Miguel do Oeste, localizado no extremo Oeste de Santa Catarina, Brasil. Os critérios de inclusão empregados para o estudo abarcaram alunos, professoras e auxiliares de uma creche da referida cidade, de ambos os sexos, que possuísem contato com crianças dos 06 meses aos 4 anos de idade. Com base nas informações fornecidas pela diretoria do local, obteve-se a população em cerca de 60 funcionários. A seleção da população da amostra ocorreu de forma voluntária. Dessa forma, convidou-se cerca de 40 professores e auxiliares a colaborar com o referido estudo.

Na coleta de dados empregou-se um questionário aberto com perguntas pertinentes à pesquisa, observação participante, registro de observações livre na forma de Diário de Campo, e ainda informações obtidas em conversas informais, todos em anexo. O questionário aberto, assim como o registro de conversas informais, foram direcionados as professoras e auxiliares. A observação participante foi desenvolvida na interação dos alunos com o ambiente da creche assim como a construção

do Diário de campo, processo este que abrangeu o período de 2 meses. Os participantes responderam aos questionários de forma individual, com o auxílio das pesquisadoras. Em todos os momentos foi assegurada aos participantes a liberdade de recusa ou interrupção da participação no decorrer da pesquisa, sem proporcionar qualquer tipo de constrangimento aos mesmos, assim como o sigilo das informações coletadas obedecendo aos padrões éticos para pesquisa com seres humanos, respeitando a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Os dados coletados foram submetidos a análises teóricas a cerca da temática.

RESULTADOS

Observou-se no presente estudo, que a sexualidade infantil, continua sendo confundida com o erotismo e com os órgãos genitais por parte dos profissionais da educação infantil. Ao abordar a sexualidade, os profissionais da educação inibem as manifestações das crianças, muitas vezes pecando nas explicações, o que acaba gerando traumas afetivos, cognitivos e sociais. Constatou-se que os profissionais não possuem conhecimentos sobre a criança como um ser integral, experimentando sentimentos de receio e incapacidade diante das manifestações de sexualidade presentes na rotina infantil. A grande maioria dos profissionais que atuam em Centros de Educação Infantil (CEIs) ignoram as manifestações de sexualidade de seus alunos, reprimindo e castigando qualquer comportamento que indique essa questão. São nas diversas formas de repressão que esses profissionais buscam fugas para sair desse contexto da sexualidade.

Os profissionais manifestam ainda, que o tema não é frequentemente trabalhado nos cursos superiores em Pedagogia ou de Magistério, mas sentem que é de extrema necessidade em sala de aula, exigindo melhor compreensão referente à sexualidade infantil para auxiliar na prática diária. Assim sendo, esses profissionais lidam com a sexualidade de acordo com os padrões de normalidade impostos pela sociedade sobre eles, tornando-os resistentes em aceitar estratégias que não vão ao encontro com a convicção que possuem.

Constataram-se dificuldades para lidar com a aceleração dos meios de comunicação que influenciam as crianças diariamente. Assuntos que antes ficavam restritos aos adultos, na atualidade são trazidos para o contexto da sala de aula pelas próprias crianças, causando sentimentos de impotência nesses profissionais por não estarem preparados para dar esse suporte na formação da personalidade das crianças. Relatam que é frequente as crianças trazerem dúvidas para sala de aula em relação às novas constituições familiares, fazendo-os lidar com questões que não condizem com seu entendimento pessoal, levando-os a julgamentos. Notamos ainda, que os profissionais experimentam o sentimento de divergência entre épocas, onde a experiência pessoal interfere na compreensão de uma nova era, alguns continuam apegados à época em que o acesso aos meios de comunicação era limitado para crianças, principalmente os temas relacionados à sexualidade, onde a moral e o conservadorismo coíbiam a discussão aberta sobre. Também, os profissionais são guiados pelo olhar educativo, pensando de modo restrito, onde a sexualidade é basicamente biológica.

No que diz respeito às intervenções nas dúvidas sobre sexualidade vindas das crianças, os profissionais costumam dar respostas fantasiosas e esquivas, que fogem da capacidade de entendimento dos pequenos. Sentem-se atarantados, principalmente, nos momentos em que os alunos exploram o corpo, percebem as diferenças entre os órgãos genitais e ao manejar esses órgãos. Torna-se recorrente, repudiar as crianças que são flagradas nesses momentos de descoberta da sexualidade, punindo-os para que não se repita ou para que façam conforme os profissionais acreditam ser “moralmente correto”.

Abordar o tema sexualidade ainda é vedado para os profissionais da educação infantil. Esses profissionais e a maioria dos familiares enxergam as crianças de forma infantilizada, pura, dependente e não possuidoras de capacidade de compreensão sobre o tema. Quando algumas questões relacionadas à sexualidade começam a surgir, os responsáveis e profissionais acabam se apoiando uns nos outros, buscando ajuda para orientar e sanar

as dúvidas das crianças, resultando no sentimento de despreparo e incapacidade de todo um conjunto, reprimindo os sentimentos dos pequenos, podendo desenvolver problemas na formação de personalidade dos mesmos.

Os profissionais se sentem constrangidos ao falar sobre o tema em sala de aula, porém, sentem-se cobrados e obrigados pelas necessidades que surgem através das vivências da sexualidade infantil. Esclarecem que as manifestações de sexualidade se dão, sobretudo, nos momentos de brincadeiras, de conversa seja com professor ou com colegas, nos horários para ir ao banheiro e/ou troca de fraldas, na hora do conto e nos momentos de assistir filmes infantis, pegando os profissionais despreparados, causando inquietação, embaraço e insegurança.

No que diz respeito às equipes de apoio dos CEIs, como coordenador e orientador, as dificuldades e sentimentos experienciados por esses são similares aos dos profissionais professores citados acima, podendo observar-se que, ambos sentem receio em tocar no assunto com os responsáveis das crianças e há pouca comunicação dos professores para com esses profissionais. O tema é tratado como módico e medidas (juntamente com os responsáveis pela criança) são tomadas em casos considerados “desviantes” como forma de prevenção e punição para evitar que o restante dos colegas não repita tais atos.

Partindo deste resultado, os profissionais sentem-se desafiados a pensar planos de aula que promovam o aprendizado sobre corpo, sexualidade e gênero já nos primeiros anos de contato escolar das crianças, contando com poucos momentos destinados a essa preparação por parte dos gestores. Nota-se nesse cenário, a dificuldade em um trabalho integrado quando realmente há necessidade de intervenção por parte de um profissional especializado, pois a demanda é ampla para apenas um profissional da área da Psicologia disponível para todo o sistema que compreende a educação infantil do município.

Por fim, observou-se uma angústia e frustração por parte dos profissionais em relação à estruturação, organização e prática das

atividades diárias, onde os mesmos relataram que a rotina gira em torno das necessidades básicas das crianças, que ficam aglomeradas em salas lotadas, não restando tempo disponível para realização de atividades para trabalhar o tema e que se torna assim, difícil de prender a atenção dos pequenos. Também, que se sentem pressionados pelo sistema e pelos próprios pais, para que façam atividades palpáveis, deixando de lado o trabalho subjetivo com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir com este artigo, que a criança sente deleite com o toque, experimentando a si próprias e ao mundo à volta, sendo isso comum desde a sua concepção, não estando relacionada com a carnalidade. Percebemos na prática infantil, que o prazer das crianças não está relacionado somente ao ato sexual e masturbação. Sexualidade é presente na vida de todo sujeito, sendo os Centros de Educação Infantil (CEIs) encarregados como ambientes onde se dá o primeiro contato social dos mesmos, atendendo uma responsabilidade imensa na formação da criança, sua participação e colocação na sociedade. Partindo deste pensamento, são os CEIs que possuem a função de auxiliar no processo de desenvolvimento infantil saudável e natural em relação à sexualidade, fazendo-se fundamental a compreensão de todos os implicados com a criança, de que descobrir a sexualidade é necessário e sadio para o desenvolvimento sem perturbações.

Nivelar a sexualidade infantil com a sexualidade dos adultos é um deslize comum que abre brechas para a compreensão da sexualidade dos pequenos consoante com a visão do adulto. A criança deve ser observada a partir das necessidades específicas que correspondem essa fase, pois pensar a sexualidade infantil é estar “atenado” com o desenvolvimento emocional da criança, considerando essas necessidades juntamente com seus desejos, angústias, dúvidas e demandas. Para Freud (2005) a sexualidade infantil está relacionada com o prazer que as crianças descobrem quando se atribuem de funções corporais essenciais.

O professor é desafiado a não culpar nem punir as crianças por suas manifestações sexuais e, na construção de um processo de educação que aborde valores, crenças, especificidades grupais e individuais. Assim, lhe é dada a função de trabalhar, pedagogicamente, a sexualidade com seus alunos, auxiliando na descoberta da mesma. Porém, para isso se realizar de forma eficaz, faz-se necessário uma ampliação no conhecimento sobre o tema, evitando os sentimentos de frustração, angústia, receio e incapacidade experimentados por tais profissionais, chamando a atenção de todo um sistema educacional para olhar com mais atenção esse fator fundamental no desenvolvimento humano. Piaget (1966) destaca que o desenvolvimento do físico e do raciocínio correspondem ao desenvolvimento psicosexual. Destaca ainda, que a configuração do conhecimento se dá a partir da interação sujeito-ambiente, sujeito-sujeito e sujeito-objeto. É de acordo com essas experiências que a criança irá elaborar suas ideias, crenças, valores e simbolizá-las na rotina.

É inevitável que em sala de aula, as crianças façam manifestações sobre sexualidade, condição essa, inerente aos sujeitos. Esse ambiente proporciona o contato com o outro, consigo mesma e com o espaço, dando abertura para que a criança manifeste sua sexualidade que na maioria das vezes, é podada em casa. Nesse viés, destacamos ainda, a pressão que os professores sofrem por serem considerados os responsáveis por trilhar o caminho para a vida adulta das crianças, que de acordo com a teoria freudiana sobre a vida infantil, a repressão da sexualidade configura-se como o limiar de sintomas adultos quando deixa marcas agudas na estruturação da personalidade, fazendo com que os CEIs assumam também uma preocupação da futura vida sexual e psíquica de seus alunos.

Chamamos a atenção para o quão importante é a criação de estratégias por parte dos gestores para preparar os profissionais da educação infantil, incentivando-os a realizar intervenções salubres, conscientizando a criança e o próprio profissional de que a sexualidade faz parte do desenvolvimento humano e, com o objetivo de amenizar esses sentimentos negativos experimentados por esses profissionais causados pela

falta de apoio e orientação. Deixamos claro que não irão existir tutoriais prontos, sendo cada caso singular.

Alertamos para o cuidado que os CEIs devem ter para não objetivar que a instituição seja para construir sujeitos heterossexuais, femininos e masculinos, dentro dos padrões que a sociedade exige. Caberá a equipe como um todo, trabalhar sem recriminação e preconceito o tema sexualidade, buscando desmistificar e fazer uma (re)significação de toda uma ideia dos profissionais em contato direto com as crianças em torno do assunto, diminuindo assim a aflição vivida pelos professores.

3 CONCLUSÃO

Na atualidade, nota-se que as estratégias são criadas pelo que se entende como necessário para as crianças, onde a cultura infantil é submissa à cultura do adulto. Acreditamos que o ideal seriam estratégias para trabalhar tanto a subjetividade da criança, quanto a dos professores envolvidos nesse meio tão significativo para ambos, que são narradores de suas histórias e personagens principais desse contexto. Nesse sentido, Bronfenbrenner (1996, p.9) salienta que, "os aspectos do meio ambiente mais importante no curso do crescimento psicológico são, de forma esmagadora, aqueles que têm significado para a pessoa numa dada situação".

Verificou-se, a nível mundial, que nos últimos anos foi crescente o número de publicações referentes ao tema abordado nesse artigo. Contudo consideramos ainda escasso os estudos relacionados à região do Extremo Oeste de Santa Catarina, ainda que esta temática seja muito presente na rotina dos CEIs. Deixamos o convite aos leitores, para que façam uma reflexão sobre o tema abordado, fomentando maiores discussões do assunto, pesquisas, políticas públicas e contribuições de forma geral para o tema.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U., & MORRIS. P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), Handbook of child psychology: theoretical models of human development (Vol.1, pp.993-1027). New York: John Wiley & Sons.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977. (Biblioteca de Estudos Humanos. Saber e Sociedade, nº 2).

FREUD, Sigmund, 1856 1939. Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916 1917). 1 a ed São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. 1905.

MAZET, P., HOUZEL, D. Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent. Paris: Maloine. 1996.

MOIZES, Julieta S.; BUENO, Sonia M. V.;. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo , v. 44, n. 1, Mar. 2010. Disponível em > http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100029&lng=%20en&nrm%20=iso > Acesso em 20 de abril 2018.

NUNES, César A; Desvendando a Sexualidade. 2º ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

PIAGET, J. L'épistémologie et ses variétés. In J. Piaget (Ed.), Logique et Connaissance Scientifique. Paris: Ene. de la Pléiade. 1966.

POLETO, Michele. KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. Estud. psicol. (Campinas). 2008, vol.25, n.3.

RIBEIRO, Cláudia Maria; SOUZA, Ila Maria Silva de. Educação inclusiva: Tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção. Lavras: UFLA, 2008.

Sobre o(s) autor(es)

Caroline Sidineia Kochenborger, Fernanda Luiza Bühring e Sirley Schünemann:
Acadêmicas do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Campus de São Miguel do Oeste. E-mail: carolinesk@hotmail.com, fernandabhr@gmail.com, sirleyschunemann@hotmail.com.

Ângela Maria Bavaresco:

Mestre em Ciências da Saúde Humana. Professora do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Campus de São Miguel do Oeste. E-mail: angela.bavaresco@unoesc.edu.br.